

Negros e Judeus na Praça Onze – O Musical

Personagens (por ordem de entrada)

Josef adulto – Judeu, cerca de 50 anos. Chegou no Rio em 1930, com 17 anos, pobre e sem falar português, fugindo de perseguições religiosas na Polônia. Trabalhou duro e tornou-se dono da rede de lojas Valevá (tipo Renner e Leader).

Maria do Socorro adulta – Negra, bonita, quase 50 anos. Chegou aos 12 no Rio, vinda do interior de Minas. Viveu na Praça Onze até a demolio e mudou-se para a vizinhança.  pastora de escola de samba e dona de uma barraca de doces na Central do Brasil

Josef jovem – 17/18 anos, fala mal português e luta para trazer a família da Polônia. Muito trabalhador, adora festa e música. Amigo de Maria do Socorro e figura popular no meio do samba, embora seja desafinado e sambe feito gringo.

Homem da praça – idade indefinida, s d uma informao no início da peça

Negro que fala iidche – Negro, jovem, esperto. Aprendeu a falar iidche para trabalhar na loja de um judeu que não conseguiu aprender português. Acaba sendo o braço direito do patrão.

Maria do Socorro jovem – Adolescente, alegre, falante. Admira-se com a Praça Onze, pois nunca vira tanta gente e prédios tão altos na fazenda onde morou até os 12 anos. Quer ser cantora e gosta de ser o centro das atenoes.

Samuel, judeu amigo de Josef jovem – judeu, comunista, 30 anos. Tenta convencer Josef a militar pela causa dos operários, mas vive sendo preso pela polícia do Estado Novo

Freguesa 1 – dona de casa, classe média, do Méier, ou Tijuca

Freguesa 2 – dona de casa, classe média, do Méier, ou Tijuca

Freguesa 3 – dona de casa, classe média, do Méier, ou Tijuca

Dr. Jacarandá – negro falante, vestido de maneira exótica (dizem que o Z Carioca foi inspirado nele). Não é advogado, mas vive defendendo o povo pobre da Praça Onze. Quer ser vereador e vive em campanha política.

Mãe que quer soltar o filho preso – 40 anos, cinco filhos de pais diferentes. O mais velho, 20 anos,  estivador, trabalhador, mas também farrista. De vez em quando é preso e  o Dr. Jacarandá que sempre o tira da cadeia.

Zefa – Negra, mãe de Maria do Socorro, neta de escravos no interior de Minas, de onde fugiu porque o filho do patrão queria pegar sua filha. Exmia cozinheira, consegue ter sua casa com terreiro para cerimnias religiosas e rodas de samba.

Juvenal - estivador e sambista, casa-se com Zefa e tem dois filhos ela, embora tenha outra família em Madureira. Malandro, ajuda muito a mulher em casa, mas é mais farrista que trabalhador. Maria do Socorro o considera seu pai e vice-versa.

Pina (amiga de Zefa) – perfil parecido com o de Zefa

Zina (amiga de Zefa) – perfil parecido com o de Zefa

Leonor (ex-patroa de Zefa) – madame, muita rica e chique, de Botafogo (à época, o bairro mais chique do Rio). Generosa, ajuda Zefa e Maria do Socorro e ainda apresenta uma ampla freguesia rica para Josef jovem

Pai de Josef – judeu, 50 anos, recusa-se a dizer que é polonês e exige ser considerado brasileiro, embora tenha um sotaque quase incompreensível. Orgulha-se do Brasil, do sucesso do filho.

Pixinguinha – é o próprio músico. Quase um santo, o maior músico do mundo. Modesto, contesta a fala de Josef quase pedindo desculpa, mas com firmeza.

O cenário é um painel com foto da Praça Onze. As casas de dois ou três andares com loja no térreo, uma delas é o café Jeremias.

Na frente do palco, de cada lado da cena, um judeu, Josef Lewbosckvist, e uma negra, Maria do Socorro, declamam o poema de Scholem Aleichem. Eles têm idade indefinida (adultos, quase velhos), vestem-se mais ou menos a caráter (ele com um ternoinformal, sem gravata, mas elegante. Ela, de saia longa, bata e turbante). Ela fala como se rezasse, ele irônico, como num samba de breque. Não falam um com o outro, mas como se estivessem numa cerimônia religiosa. Ao fundo, pessoas ficam paradas como se fizessem parte da fotografia. O ritmo do poema é marcado por um tamborim e uma cuíca malemolentes.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Benditos sejam os que residem na tua casa, senhor.

JOSEF ADULTO

Mas eu imagino, Senhor, que a tua casa seja mais espaçosa que a minha

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Eu te louvo, meu Deus e Rei

JOSEF ADULTO

Que me adiantaria fazer o contrário?

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Todos os dias te abençôo.

JOSEF ADULTO

Mesmo de estômago vazio...

MARIA ADULTA

O Senhor é bom para todos.

JOSEF ADULTO

Admitindo que esqueça alguém, de vez em quando, já que tem muito em que pensar...

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Abres a mão e satisfazes todas as criaturas

JOSEF ADULTO

Não é bem assim, Pai do Céu: um apanha um soco na cara; outro, um frango assado. Eu, e minha mulher nunca cheiramos um frango assado, desde os dias da criação.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Ele satisfará os desejos dos que o temem; lhes ouvirá os brados e os salvará

JOSEF ADULTO

Mas quando, Senhor? Quando?...

Pausa enquanto o som dos instrumentos termina em fade. Agora, os dois começam a conversar

JOSEF ADULTO (*para Maria do Socorro Adulta*)

Isso parece um samba de breque! Se puser música fica igualzinho.

MARIA DO SOCORRO ADULTA(*respondendo e dando início a um diálogo*)

Mas é um poema de Scholem Aleichem, um judeu russo. Eh... Mesmo traduzido, até que dava um samba.

JOSEF ADULTO

Por isso é que, quando a gente vivia lá na Praça Onze, passando aperto e vigiado pela polícia, aconteceu tanta coisa: os blocos de carnaval, as escolas de samba e o próprio samba. Foi no século passado, lembra?

MARIA DO SOCORRO ADULTA

E como! A gente sofria, mas se divertia. E o povo chique só aparecia no carnaval para nos ver desfilar. Eram doidos com nossas festas, mas morriam de medo da gente.

SOBE SOM TEMPOS IDOS COM CARTOLA

(A luz se apaga sobre eles e o painel ganha cores. As pessoas que estavam paradas fazem a mímica e dançam como se estivessem na Praça).

Música – cantam MARIA DO SOCORRO ADULTA e JOSEF ADULTO (elenco faz coro)

Tempos Idos – Cartola e Carlos Cachça tempo 1'44" (só uma vez)

https://www.youtube.com/watch?v=Dnh_5Qj91YA

Os tempos idos, nunca esquecidos,
 Trazem saudades ao recordar
 É com tristeza que relembro
 Coisas remotas que não vêm mais
 Uma escola na Praça Onze,
 Testemunha ocular
 E perto dela uma balança
 Onde os malandros iam sambar
 Depois aos poucos o nosso samba
 Sem sentirmos se aprimorou
 Pelos salões da sociedade
 Sem cerimonia ele entrou

Já não pertence mais à praça
 Já não é samba de terreiro
 Vitorioso ele partiu para o estrangeiro
 E muito bem representado
 Por inspiração de geniais artistas
 O nosso samba, humilde samba
 Foi de conquistas em conquistas
 Conseguiu penetrar no Municipal
 Depois de percorrer todo o universo
 Com a mesma roupagem que saiu daqui
 Exibiu-se para a duquesa de Kent no Itamaraty

JOSEF ADULTO (*luz em Josef, as pessoas atrás fazem a mímica do que ele conta*).
 Eu lembro quando cheguei lá. Estranhei tudo: o calor, o cheiro do mar, as pessoas falando alto... Imagina, nunca tinha visto o mar antes de sair lá de Lúblin, na Polônia... Tinha 17 anos e nem falava português. O endereço do meu primo estava escrito num papel.

JOSEF JOVEM (*Mostra um papel para um homem que está na praça*)

HOMEM DA PRAÇA (*lendo o papel, quase soletrando*)
 Por favor, quero ir ao Armarinho A Costureira Feliz. (*sem ler*) É logo ali, ó.

Josef Jovem anda até o local indicado e aproxima-se de um negro. Cumprimenta só com a cabeça e o negro responde em iidche.

NEGRO QUE FALA IIDCHE

(*em iidche*)

Bom dia, o que o senhor deseja?

Josef Jovem reage com um susto e os dois começam a conversar em iidche, baixinho, enquanto Josef atual volta a falar

JOSEF JOVEM (*muito espantado*)

O senhor fala a minha língua?!!!!

NEGRO QUE FALA IIDICHE

Aprendi com o seu Salomão, para trabalhar com ele. E o senhor? É o primo que vem da Polônia?

JOSEF JOVEM (*meio desconfiado, tentando ser gentil*)

Eu mesmo... Vim andando lá do porto até aqui, não sabia que a cidade era tão bonita.

NEGRO QUE FALA IIDICHE

Seja bem vindo. Aqui é igual coração de mãe, tem lugar pra todo mundo.

JOSEF ADULTO

Levei o maior susto. Nunca tinha visto um negro na minha vida. Na Polônia não tinha. Ainda mais falando a nossa língua. E muito menos ajudando a gente assim, do nada. Foi a primeira coisa que gostei aqui.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Por isso vocês ficaram amigos de cara, não é mesmo?

JOSEF ADULTO

Ele me ajudou muito, me ensinou a falar um português que dava pro gasto, me mostrou as ruas do Rio, mas o que eu gostei mais foi quando ele me levou num batuque.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Lá em casa. Eu lembro direitinho, você sambando todo estropiado.

Josef Jovem e o Negro que fala Iidche chegam a uma roda de samba. Os músicos estão no palco, algumas pessoas dançam outras tocam instrumentos de percussão. Maria do Socorro é adolescente, alegre e bonita. Ela canta uma parte da música e todos aplaudem. Josef vê as pessoas dançando e ensaia uns passos, timidamente, mas sem jeito.

Samba, Marca Registrada do Brasil (Dico da Viola/Jurandir Pacheco, 1977)

Tempo 1'40" (cantado só uma vez)

<https://www.youtube.com/watch?v=0YFV74FHW4A>

canta MARIA DO SOCORRO JOVEM. Elenco faz coro

(durante a música, as pessoas sambam e cantam e alguns se apresentam como os personagens que são citados. Não esquecer a umbigada)

Através dos tempos
Que o nosso samba despontou
Trazido pelos africanos
Em nosso país se alastrou
Foi Donga que tudo começou
Com um lindo samba
(Pelo telefone) se comunicou
Foi Donga que tudo começou
Com um lindo samba
(Pelo telefone) se comunicou

E, no limiar do samba
Que beleza, que fascinação
Na casa da Tia Ciata
Oh, como o samba era bom!
Na casa da Tia Ciata
Oh, como o samba era bom!

Dança o batuque
Ao som da viola
Cai no fandango
Dá umbigada
Na dança de roda

Dança o batuque
Ao som da viola
Cai no fandango
Dá umbigada

Na dança de roda

Grandes sambistas

Mostraram o seu valor

Ismael Silva, Carmem Miranda

Noel e Sinhô

Mas surgiram

As Escolas de Samba

O ponto alto do nosso carnaval

E o nosso samba evoluiu

E se tornou marca registrada do Brasil

(a música e a dança, continuam num volume menor, enquanto eles conversam)

NEGRO QUE FALA IIDCHE

Socorro, este aqui é o José, ele chegou das estranhas outro dia. É primo do seu Salomão, do armarinho. Ainda está aprendendo a falar português, mas já vende uns panos por aí.

MARIA DO SOCORRO JOVEM

Ah, você é mascate? Bom, eu não tenho dinheiro para comprar, mas a patroa de minha mãe tem muito. Fique à vontade. Ali, tem uns quentes e uns gelados, pode escolher.

JOSEF JOVEM

Muito prazer, dona Maria do Socorro. Obrigada por me receber na sua casa. Essa música é muito bonita. A senhora canta muito bem, com muito sentimento.

MARIA DO SOCORRO ADOLESCENTE *(rindo)*

Ih, senhora é a minha mãe, a Zefa. É a dona da casa, mas trabalha na mansão de uma madame lá em Botafogo. É cozinheira de mão cheia. Precisa ver o acarajé e o tutu que ela faz! Dona Zefa fica lá e eu fico dona aqui. Gosto muito de cantar, um dia ainda vou cantar no rádio e no teatro. Mas vamos ali para você se servir.

Os dois se dirigem ao fundo do palco, tomam um trago e se integram ao grupo que dança e canta. Josef está mais animado pelos tragos que tomou e dança ainda mais desajeitado, fazendo todos rirem.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Foi a primeira vez que você tomou cachaça. Dançou a noite toda. Uma pândega!!!

JOSEF ADULTO

E foi também a última vez. No dia seguinte, eu tinha que trabalhar pesado. Não era fácil não. Tinha que ganhar dinheiro rápido para trazer meus irmãos, meus pais e Deborah, minha noiva. Na minha terra, não queriam saber da gente e muitos amigos apanharam na rua só porque eram judeus. Teve um que morreu e aí meu pai me mandou pra cá. Pra eu ganhar dinheiro para trazer todo mundo. Mas era difícil... A rotina era pesada.

Começava às 7 horas no Café Jeremias...

Cena no café Jeremias, uma balbúrdia de sotaques tentando falar português. Pessoas se espalham pelas mesas. Numa delas, está o doutor Jacarandá, que é abordado por uma senhora, fala paternalmente com ela, mas só vemos a mímica. Josef chega com duas malas enormes, pesadas, pede uma média de café com leite e pão com manteiga e começa a conversar com outro judeu, Samuel, um pouco mais velho.

SAMUEL

Vê se dá para você ir, Josef. É um comício importante. A gente não pode ser explorado aqui só porque chegou fugido. Aqui também a gente tem que lutar pelos direitos dos trabalhadores.

JOSEF JOVEM

Olha, Samuel, pra trazer nossa gente para cá, protestar contra a perseguição lá, conte comigo. Mas essa história de empregado contra patrão, eu não vou não. Eu mesmo sou meu patrão e meu empregado. E, se eu for preso, como você foi no mês passado?

SAMUEL (*cochichando*)

Fala disso aqui não!!! Vão pensar que fui preso por ser malandro.

JOSEF JOVEM

Aqui não faz diferença. Malandro ou não, pobre apanha da polícia do mesmo jeito. E, se eu for preso, ainda fico uns dois meses sem trabalhar. Não visito minhas freguesas, não vendo nem cobro nada. Quando aparecer de novo, elas já estão comprando com outro. E aí, como fica? Como vou trazer meu pessoal para cá?

Sem esperar a resposta, ele sai do bar e caminha, caminha, caminha e chega a uma casa, com três senhoras a quem exhibe suas mercadorias, toalhas de mesa e jogos de cama de linho bordado, perfumes importados, bijuterias finas.

JOSEF JOVEM (*mostrando uma toalha de mesa*)

Esta aqui é a mesma que se usa no Palácio do Catete, na mesa do presidente Getúlio Vargas, escolhida pela própria primeira dama, Dona Darcy. Valevá?

FREGUESA 1

Mas é bonita mesmo, coisa de palácio!... Só que o preço também está para presidente, seu Valevá.

FREGUESA 2

Se fizer de quatro vezes e der o desconto, eu levo duas, mas dessa aqui mais simplesinha. O preço é melhor, seu Valevá.

FREGUESA 2

Seu Valevá, este mês eu vou faltar com a prestação porque meu marido teve poucos clientes no consultório. Se médico está reclamando, imagina dentista nessa terra de banguelas. Tá tudo pela hora da morte e brasileiro não cuida mesmo dos dentes, né? Mas eu quero um perfume porque o meu acabou.

JOSEF JOVEM (*fica visivelmente contrariado com a última notícia, mas reage*)

Dona Lourdes, sem pagar não valevá porque eu tenho que prestar contas ao fornecedor. Se não, ele diz que sou um prego. Fica com esta amostrinha aqui até a próxima vez e paga só 10%.

Dona Marieta, não dá para fazer o desconto, mas quatro vezes está bem.

Dona Lucia, eu faço de duas vezes e a senhora pode chamar o presidente aqui que ele vai reconhecer esta toalha. Valevá, né?

Josef Jovem de volta com as malas mais vazias, mas ainda pesadas e chega na casa do primo e volta ao Bar Jeremias. Já é noite e a animação continua

JOSEF ADULTO

O jantar Capitólio ou no Jeremias era a melhor hora do dia. Era quando se sabia das novidades. A gente se acomodava em torno das mesas, batendo papo, descansando, lendo jornal, tratando de negócios, contando piadas, discutindo assuntos comunitários, fazendo fofocas, revendo os cartões de vendas a prestação, encontrando amigos, tirando um cochilo ou simplesmente vendo o tempo passar.

MARIA DO SOCORRO ADULTA.

E o que tinha de preguiçoso e malandro que morava no botequim! A jogatina era nos fundos do salão e os jogadores queriam mostrar a habilidade, por dinheiro ou só por vaidade. E tinha gente que passava o dia inteiro lá, atendendo a quem chegasse.

Música

Conversa de Botequim – Noel Rosa (tempo 2'33", com refrões)

<https://www.youtube.com/watch?v=in9W6vHyI5k>

Canta DR. RACARANDÁ. Os outros personagens fazem a mímica de um bar animado, com jogatina e paquera.

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa/

Uma boa média que não seja requentada/

Um pão bem quente com manteiga à beça/

Um guardanapo e um copo d'água bem gelada/

Feche a porta da direita com muito cuidado/

Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol/

Vá perguntar ao seu freguês do lado/

Qual foi o resultado do futebol/

Se você ficar limpando a mesa/

Não me levanto nem pago a despesa/

Vá pedir ao seu patrão/
Uma caneta, um tinteiro/
Um envelope e um cartão/
Não se esqueça de me dar palitos/
E um cigarro pra espantar mosquitos/
Vá dizer ao charuteiro/
Que me empreste umas revistas/
Um isqueiro e um cinzeiro/

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa/
Uma boa média que não seja requentada/
Um pão bem quente com manteiga à beça/
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada/
Feche a porta da direita com muito cuidado/
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol/
Vá perguntar ao seu freguês do lado/
Qual foi o resultado do futebol/

Telefone ao menos uma vez/
Para três 34-4333/
E ordene ao seu Osório/
Que me mande um guarda-chuva/
Aqui pro nosso escritório/
Seu garçom me empresta algum dinheiro/
Que eu deixei o meu com o bicheiro/
Vá dizer ao seu gerente/
Que pendure esta despesa/
No cabide ali em frente.”

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa/
Uma boa média que não seja requentada/
Um pão bem quente com manteiga à beça/
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada/
Feche a porta da direita com muito cuidado/

Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol/
Vá perguntar ao seu freguês do lado/
Qual foi o resultado do futebol/

Quando ele acaba de cantar, uma senhora se aproxima dele, para pedir que solte o filho que foi preso por vadiagem

MÃE QUE QUER SOLTAR O FILHO

Mas ele é trabalhador, Dr. Jacarandá! Foi preso por vadiagem porque é escurinho e disse que mora aqui na Praça Onze. O menino clarinho, que estava junto, foi liberado.

DR. JACARANDÁ

Ele desacatou o policial, minha senhora. Deu uma rasteira de capoeira e tinha tomado muitos goles a mais. Assim fica difícil, minha senhora.

MÃE QUE QUER SOLTAR O FILHO

Meu fio trabalha na estiva. Não é malandro, não. É ele quem mantém a casa para os meninos pequenos estudarem e virarem gente, doutor. Ele gosta de uma cachacinha de vez em quando, mas só quando não trabalha no dia seguinte. E de andar com moças solteiras, né? Por que é homem, é bonito e novo. Elas é que caem em cima dele.

DR. JACARANDÁ

Vou falar tudo isso com o doutor delegado. Vamos ver o que dá para fazer. Acho que daqui a uns dias ele fica solto.

MÃE QUE QUER SOLTAR O FILHO

Daqui a uns dias ele perde a colocação, Dr. Jacarandá. Vê se tira ele hoje ainda.

DR. JACARANDÁ

Deixa seu menino comigo (*levanta-se*). Vou lá agora falar com o delegado. Ele me deve uns favorzinhos e vou pedir pelo seu menino. Com sorte, ele volta pra casa ainda hoje. Mas é bom ele sumir da zona por uns tempos e evitar a cachaça. Se for preso de novo, vai ser mais difícil, quase impossível, tirar de lá.

MÃE QUE QUER SOLTAR O FILHO (*beijando a mão de Dr. Jacarandá*)

Muito obrigada, Dr. Jacarandá. O senhor é um santo. Eu não tenho como pagar, mas o primeiro ganho do menino vai para o senhor.

DR. JACARANDÁ (*Tirando um santinho do bolso*)

A senhora não me deve nada. Se seu menino é trabalhador, é minha obrigação tirar ele da cadeia. Mas a senhora pode me ajudar nas próximas eleições. Se a senhora não vota, pede a sua patroa para votar em mim. Se eu for vereador, posso ajudar a senhora e seu povo muito mais.

Ela pega os santinhos, beija de novo a mão do Dr. Jacarandá.

JOSEF ADULTO

Naquela época, anos 20 e 30, a Praça Onze era um gueto sem muralhas ou restrições. Quem chegava fugido, com medo e com fome, era acolhido por quem tinha vindo antes. Arrumavam casa, trabalho e até noiva para os solteiros. Tinha preto, branco, judeu, libanês, italiano espanhol, português. Todo mundo se ajudava. Mas quem era judeu, tinha que dar certo aqui. Se desse errado, a gente não podia voltar. De onde a gente vinha, queriam nos matar.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Mesmo se pudesse, eu não voltava pra fazenda de jeito nenhum. A gente não era mais escravo, mas não era só no papel. Trabalhava, mas só recebia se o dono tivesse lucro no café. Se tinha uma rocinha, tinha que dar uma parte pra ele. E os meninos dele ainda se engraçavam com a gente. Quando o filho me agarrou, pusemos ele pra correr e fugimos... Ainda bem... Adorei a Praça Onze, nunca tinha visto um lugar tão grande e bonito.

Volta à cena da Praça Onze, com muita gente andando e fazendo coisas (vendendo mercadorias, paradas nas lojas, tal como no lugar entre São Conrado e a entrada da Rocinha). Maria do Socorro chega com a mãe, entre assustada e encantada com o lugar que, para ela, vinda de uma fazenda no interior de Minas, é grandioso. Elas carregam sacolas e embrulhos com suas coisas que trouxeram de Minas.

MARIA DO SOCORRO JOVEM

Olha, mãe, que casas enormes, chegam perto do céu!!!

(contando)

Um, dois, até três andares, quase chega no céu.... Devem ser maiores que a casa grande lá da roça. Só que estão meio velhas, né? E quanta gente!!! Será que todo mundo mora aqui, um em cima do outro?

Música

Praça Onze, Berço do Samba – Zé Ketí (tempo 3'08'')

<https://www.youtube.com/watch?v=NLNQoK52bWU>

canta MARIA DO SOCORRO JOVEM

Favela do Camisa Preta

Do Sete Coroas

Cadê o teu samba, Favela?

Era criança na Praça Onze

Eu corria pra te ver desfilar

Favela, queremos teu samba

Teu samba era quente

Fazia meu povo vibrar

Até a lua, a lua cheia

Sorria, sorria

Milhões de estrelas brigavam

Por um lugar melhor

Queriam ver a Portela

Mangueira, Estácio de Sá

E a Favela com suas baianas tradicionais

Brilhava mais

Que a luz do antigo lampião a gás

Fragmentos de brilhantes

Como fogos de artifícios

Desprendiam lá do céu

E caíam como flores

Na cabeça das pastoras

E dos sambas de Noel

Correrias, empurrões
 Gritarias e aplausos
 E o sino da capela
 Não parava de bater
 Os malandros vinham ver
 Meu samba estava certo, sim
 Enquanto as cabrochas gingavam
 No seu rebolado
 No ritmo da batucada
 De olho comprido, que nem bobinha
 Eu terminava dormindo na calçada
 De olho comprido, que nem bobinha
 Eu acabava dormindo na calçada

(continua conversa entre mãe e filha continua)

ZEFA

Sei não... Me disseram que nessas casas aí, cada família mora num quarto. Mas nós duas, eu e você, vamos dividir o quartinho com outra família. Por enquanto. A casinha a cozinha também são pra todo mundo. Mas ainda vamos ter nossa casa, para ter o centro e cumprir nossas obrigações.

MARIA DO SOCORRO JOVEM

E vamos ter uma família também, né? Com pai e irmãos, além da gente, né?

ZEFA

Aí vai depender. Uma coisa de cada vez, menina. Tem que ter paciência.

Zefa deixa cair um dos embrulhos que carrega. Juvenal apanha e ela tenta pegar de volta.

ZEFA

Muito obrigada, moço. *(repara nele e o acha bonito, mas finge que não)*

JUVENAL (*galenteador, mas respeitoso*)

Não minha senhora, deixe que eu ajudo. Desculpe perguntar, a senhora e a menina chegaram hoje?

MARIA DO SOCORRO JOVEM

Agorinha mesmo, lá de Rio Novo, Minas Gerais... A gente vivia na fazenda, mas veio pra cá porque lá era muito ruim. Aqui é muito bonito, né? Nunca vi tanta gente. Vamos morar aqui pro resto da vida e...

ZEFA (*interrompendo a filha*)

Não fica incomodando o moço com nossas histórias, menina. Não precisa se incomodar, seu....

JUVENAL

Juvenal, a seu dispor. Não é incômodo nenhum. Sou nascido e criado aqui. Conheço todo mundo. Trabalho na estiva, mas hoje não teve carregamento. Posso ajudar a senhora e sua filha, dona...

ZEFA

Maria Josefina, mas me chamam de Zefa. Ela é a Maria do Socorro.

JUVENAL

Josefina, nome de rainha. Vamos, eu ajudo a senhora e sua filha. A gente está aqui para se ajudar, né? Aqui, na Praça Onze, é uma África em miniatura. Quem diz não sou eu, mas Heitor dos Prazeres, artista como ele só. Pinta quadros e faz sambas que tocam até no rádio.

Música

Pierrô Apaixonado - Noel Rosa-Heitor dos Prazeres (1'40" com os refrões)

https://www.youtube.com/watch?v=GME_TRomPGc (com Noel Rosa)

Canta TODO O ELENCO

Um pierrô apaixonado

Que vivia só cantando

Por causa de uma colombina

Acabou chorando, acabou chorando

A colombina entrou num butiquim
 Bebeu, bebeu, saiu assim, assim
 Dizendo: pierrô cacete
 Vai tomar sorvete com o arlequim
 Um pierrô apaixonado
 Que vivia só cantando
 Por causa de uma colombina
 Acabou chorando, acabou chorando
 Um pierrô apaixonado
 Que vivia só cantando
 Por causa de uma colombina
 Acabou chorando, acabou chorando
 Um grande amor tem sempre um triste fim
 Com o pierrô aconteceu assim
 Levando esse grande chute
 Foi tomar vermute com amendoim

Um pierrô apaixonado
 Que vivia só cantando
 Por causa de uma colombina
 Acabou chorando, acabou chorando

Enquanto toca a música, as pessoas dançam e cantam como se fosse num bloco de rua (podem até jogar umas serpentinas). Maria do Socorro Jovem canta a música e dança muito animada. A mãe também dança, mas mais contida, está em discreta paquera com Juvenal

MARIA DO SOCORRO JOVEM

Eu adoro cantar samba, um dia também vou cantar no rádio.

ZEFA (*admirada*)

O senhor conhece o autor dessa música?!! Nossa, ele é muito famoso!!

JUVENAL

Por favor, me chame de Juvenal, seu criado, a seu dispor. Heitor dos Prazeres é cria daqui. É meu chapa. Está sempre nos batuques e não sabe só fazer música, não. Toca um cavaquinho que até os bichos param para ouvir. O outro, o Noel Rosa....

MARIA DO SOCORRO

Que outro?

JUVENAL

O outro compositor dessa música. Noel Rosa mora lá em Vila Isabel, mas dá suas voltinhas por aqui. Tudo quanto é cantor do rádio gosta de vir aqui buscar nossos sambas. Precisa ver quando eles chegam naqueles automóveis de luxo...

Zefa tenta tomar-lhe os embrulhos. Ele reage

JUVENAL

Ó, eu aqui contando história e a senhora cansada, querendo ir para casa. Vamos lá. Eu ajudo a senhora e sua linda filha. Socorro, não é dona Zefa?

Eles saem conversando, entram por uma porta.

Luz em Josef e Maria do Socorro adultos

JOSEF ADULTO

Ah, foi assim que dona Zefa e seu Juvenal se conheceram?! E eu achava até que ele era seu pai.

MARIA DO SOCORRO

Ele ajudou muito minha mãe. Logo, a gente tinha a nossa casinha. Era uma função dia e noite. Ele quase nunca passava a noite lá, só quando tinha festa, mas muitas vezes passava o dia inteiro. Às vezes, dormindo.

(Casa de Juvenal e Zefa. Ela, muito grávida, e duas amigas – Pina e Zina – se preparam para sair para o trabalho, que é vender doces e salgados numa barraca na Central do Brasil. Maria do Socorro Jovem também está trabalhando e algumas crianças estão lá. Vão passar o dia inteiro sob os cuidados de Maria do Socorro,

enquanto as mães trabalham vendendo doces e salgados na rua. Maria do Socorro prepara também um caldo para a roda de samba que haverá à noite.

ZEFA

Zina, você vai hoje para a Central comigo e a Pina fica aqui, terminando os doces para levar na hora do almoço. Não esquece. Dez e meia, lá na Central com tudo enroladinho no papel, pronto para vender. Socorro, você fica aqui terminando a janta. E toma conta dos meninos da Zina e da Pina também. Juízo heim! *(continua falando, como se desse instruções para o jantar)*

ZINA *(cochichando para Pina)*

Depois que saiu da madame lá em Botafogo, Zefa tá mandando demais...

PINA *(no mesmo tom)*

Mas quem é que tem o terreiro? Quem faz a comida do santo? Quem tem quintal pro batuque? A gente tem que obedecer porque sabe que trabalho pra negro tá difícil. Sorte nossa que Zefa tá buchuda, esperando menino pela segunda vez e agora não volta pra madame de jeito nenhum. Precisa da gente. Até porque essa Socorro só quer saber de cantar.

Juvenal aparece, com cara de quem mal acordou. Abraça Zefa, que se derrete toda

ZINA

Pelo menos cuida dos meninos, né? É serelepe, mas é séria. Esse aí, é que fica só no come e dorme.

Juvenal canta e, ao fundo outros homens e algumas mulheres encenam uma noite de esbornia num botequim, com direito roda de samba e a dança)

Música

Cansado de Sambar – Assis Valente (tempo 2'07" com os refrões)

<https://www.youtube.com/watch?v=h9637ANDItI>

canta JUVENAL (elenco pode fazer coro)

Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia (cansado de sambar)
Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, que não queria
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, não, não
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, não, não
Eu nasci na Praça Onze
Dou a vida pra sambar
Já sambei em Deodoro
Salgueiro e Portela
Estácio de Sá
Vou sambar lá no Catete
Pro Seu Presidente
Me condecorar
(Vamo lá)

Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia (cansado de sambar)
Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, que não queria
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, não, não

Já sambei no Amazonas, Pernambuco e Macaé
Encontrei lá em São Paulo, morena queimada
Cheirando a café
Tio Sam já viu também

O dorso de seda que a baiana tem
(o que que a baiana tem, o que é que a baiana tem)

Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia (cansado de sambar)
Tenho o corpo cansado de sambar
Noite e dia
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, que não queria
Perguntei ao coração se queria descansar
Ele disse que não, não, não

Juvenal acaba a música, espreguiça e boceja ruidosamente, dá um beijo estalado em Zefa, que corresponde. (não é um beijo erótico, mas de um casal muito feliz)

ZEFA

Uai, hoje você não vai para a estiva?

JUVENAL

Não, minha pretinha. Hoje não tem trabalho lá, então a gente se vira aqui. Mais tarde, vou ver se acho alguma coisa para fazer. Na rua, sempre tem gente precisando de carregador, bombeiro, marceneiro, o que aparecer? *(passa a mão na barriga dela, dá um beijo estalado e sai como quem vai voltar para dormir)*

ZEFA

Então descansa, meu nego *(Zefa canta)*

Música

Moreno cor de bronze – Custódio Mesquita (tempo 1'03" uma só vez)

<https://www.youtube.com/watch?v=8G16cob48jE>

canta ZEFA

Moreno cor de bronze

Que nasceu na Praça Onze

E se diplomou em samba

Na academia do Salgueiro
Tem na cor a faceirice
Tem na voz toda a meiguice
Própria de um brasileiro
Não há nada, moreno
Que se compare a você
Teu amor é mais gostoso
É melhor o teu querer
Tua cor é maravilha
E vale mais que um tesouro
Por sua causa, moreno
O bronze vale mais que o ouro

Acaba a música e Zefa que estava sonhadora, começa a dar ordens às amigas

ZEFA

Vamos gente, quem chega tarde na Central encontra o povo de barriga cheia. E tem muito menino pra gente dar de comer.

ZINA (*cochichando para Pina*)

Maria do Socorro é serelepe, mas trabalha. Já esse Juvenal não é de dar duro. Trabalha dia sim, outro não, outro também não. E ainda fez menino nela. Já está no segundo.

PINA

Diz que ele tem família lá em Madureira. Mulher e uma penca de filhos. Aqui, eu só vejo ele dormindo e comendo do bom e do melhor. Coitada da Zefa! Já tem a Socorro sem pai, os meninos também vão ficar assim.

ZINA

O que tem de história assim, aqui na Praça Onze. Tá certo que trabalho pra negro está difícil, porque eles preferem os branquinhos que vêm de fora, das estrangeiras. Mas esse aí... É caso de polícia, minha filha.

Zefa ouve o fim da conversa e responde cantando e dando um tapa de pelica nas amigas

Música

Quando a polícia chegar – João da Baiana (tempo 1'55", uma vez, com refrões)

<https://www.youtube.com/watch?v=hMb0YQbjg1s> (com Cristina Buarque e

Clementina de Jesus)

Canta ZEFA, COM ELENCO FEMININO

Se é de mim, podem falar

Se é de mim, podem falar

Meu amor não tem dinheiro

Não vai roubar pra me dar

Meu amor não tem dinheiro

Não vai roubar pra me dar

Quando a policia vier e souber

Quem paga casa pra homem é mulher

Quando a policia vier e souber

Quem paga casa pra homem é mulher

No tempo que ele podia

Me tratava muito bem

Hoje está desempregado

Não me dá porque não tem

Hoje está desempregado

Não me dá porque não tem

Quando a policia vier e souber

Quem paga casa pra homem é mulher

Quando a policia vier e souber

Quem paga casa pra homem é mulher

Se é de mim, podem falar

Se é de mim, podem falar

Meu amor não tem dinheiro
Não vai roubar pra me dar
Meu amor não tem dinheiro
Não vai roubar pra me dar

Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher
Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher

Quando eu estava mal de vida
Ele foi meu camarada
Hoje dou casa e comida
Dinheiro e roupa lavada
Hoje dou casa e comida
Dinheiro e roupa lavada

Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher
Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher

Se é de mim, podem falar
Se é de mim, podem falar
Meu amor não tem dinheiro
Não vai roubar pra me dar
Meu amor não tem dinheiro
Não vai roubar pra me dar

Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher
Quando a policia vier e souber
Quem paga casa pra homem é mulher

ZEFA

Vamos embora, gente. Deixa a conversa pra noite porque o pagode vai ser bom.

Socorro, butuca nos meninos e na janta.

JOSEF ADULTO

Sua casa era mesmo um pagode. Dizem que igual, só quando a tal da Tia Ciata era viva.

Depois, era dona Zefa quem fazia a festa.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Mas sua família era animada também. Eu lembro das festas....

JOSEF ADULTO

Depois que eles chegaram, tudo mudou... Mas antes foi duro...

(Josef Jovem e outras pessoas fazem a mímica do que ele conta)

Nos primeiros tempos, era sair às 7 da manhã com a mercadoria, andar da Praça Onze à Tijuca um dia, e ao Meier no outro. Às vezes passando por Vila Isabel.

Nada de almoço para economizar tempo e dinheiro. No início, ia a pé, mas depois vi que de lotação chegava mais cedo, antes dos outros.

De noite, era uma tristeza. Saudade do meu pai, da minha mãe, das conversas com meu irmão, dos meninos pequenos e de Deborah. Sonhava com eles aqui, mas via que era difícil juntar o dinheiro que precisava para trazer todo mundo.

Música, Josef Jovem canta (pode ser, junto com o adulto, em dueto)

Mein Yiddishe Mame (minha mãe judia), de Lew Pollak e Jack Yellen

Tempo 4'10" *(esta música está para os judeus como Carinhoso, de Pixinguinha, para nós brasileiros. Por sugestão da Dione, vamos cantar um pedaço em iídiche e outro em português. Segundo fui informada, o violino ajuda a caprichar no transbordamento da emoção)*

<https://www.youtube.com/watch?v=slmQoapcEHQ> (com Yaffa Yarkoni) com tradução

<https://www.youtube.com/watch?v=msXoInq243c> (com Regine Zilberberg)

Canta JOSEF JOVEM

Quem balançava o berço dia e noite?

Quem ficava ao lado da cama quando ele estava doente?

Quem fazia as tarefas em casa e ainda trabalhava?

E quem faria tudo por seus filhos, até as últimas forças?
 Quem dedicaria todo o seu tempo para lhe dar do bom e do melhor?
 Quem daria por ele até a última gota de sangue? (bis)

Uma querida mãe
 Não há nada melhor no mundo
 Uma querida mãe
 É aquela que, na sua ausência, tudo fica amargo
 E tudo fica tão claro e belo quando ela está em casa
 Como fica tudo triste e escuro quando Deus a leva para o céu
 Água ou fogo ela enfrentaria por seu filho
 Sem se importar consigo mesma
 Que é certamente, o maior de seus pecados
 Essa maravilhosa graça e presente de Deus
 Ter uma velha querida mãe
 Como minha mãe!

(falado, com música ao fundo)

Uma querida mãe
 Não há nada melhor no mundo
 Uma querida mãe
 É aquela que, na sua ausência, tudo fica amargo

(cantando)

Como é de sorte e rico aquele que tem
 Ter uma velha querida mãe
 Como a minha mãe

Em iídiche

Ikh vil bay aykh a kashe fregen, zocht mir ver es ken
 Mit velkhe tayere farmegen bentcht got alemen?
 Men koyft dos nisht fir kayne gelt, dos git men nor umzist
 Oon dokh az men ferlirt dos, oy vi treren men fargist

A Tzvayten git men kaynem nit, es helft nisht kayn gevayn

Oy, ver es hot farloym, der vays shoyrn vos ikh mayn.

A Yiddishe Mame,

Es gibt nisht besser oif der velt

A Yiddish Mame,

Oy vey vi bitter ven zi felt

Vi shayn in likhtig iz in hoiz ven di mame iz do

Vi troyerig finster vert ven Got nemt ir oif Olam Haboh

In vasser in fayer volt zi gelofn far ihr kind

nisht halten ihr tayer, dos iz gevis di gresten zind

Oy, vi gliklekh un raykh iz der mentsh vos hot

Aza shayne matuneh geschenkt foon G-t,

Nor ayn altichke Yiddishe Mame,

Oy, Mame Mayn!

JOSEF ADULTO

Eu já estava sem esperança. Aí, veio o batizado do seu irmão e conheci dona Leonor.

MARIA DO SOCORRO ADULTA

Foi a festa mais bonita da minha vida. Mamãe e Juvenal cheios de medo, porque dona Leonor era muito chique. Mas ela adorou e foi a primeira vez que eu cantei de verdade, todo mundo prestando atenção em mim.

Roda de samba na casa de Zefa. Pessoas dançam, cantam e brincam uns com outros. Leonor, a patroa de Zefa, observa fascinada. Maria do Socorro Jovem canta o refrão da primeira vez, cada ator faz um personagem da música e depois da segunda vez, todos cantam o refrão. Um batuque muito animado

Música

Batuque na Cozinha – João da Baiana (tempo 2'55", com parte instrumental, acho que solo de Pixinguinha)

<https://www.youtube.com/watch?v=wjf7dI9j5D8> (com Clementina de Jesus e João da Bahiana)

MARIA DO SOCORRO canta o refrão OUTRAS PESSOAS DO ELENCO cantam os versos

Não moro em casa de cômodo

Não é por ter medo não

Na cozinha muita gente

Sempre tem alteração

Batuque na cozinha sinhá não quer

Por causa do batuque eu queimei meu pé

Batuque na cozinha sinhá não quer

Por causa do batuque eu queimei meu pé

Então não bula na cumbuca

Não me espante o rato

Se o branco tem ciúme que dirá o mulato

Eu fui na cozinha pra vê uma cebola

E o branco com ciúme de uma tal crioula

Deixei a cebola, peguei na batata

E o branco com ciúme de uma tal mulata

Peguei no balaio pra medir a farinha

E o branco com ciúme de uma tal branquinha

Então não bula na cumbuca

Não me espante o rato

Se o branco tem ciúme que dirá o mulato

E o batuque na cozinha sinhá não quer

Por causa do batuque eu queimei meu pé

Batuque na cozinha sinhá não quer

Por causa do batuque eu queimei meu pé

Voltei na cozinha pra tomar um café
Malandro tá com o olho na minha mulher
Mas comigo eu apelei para a desarmonia
E fomos direto para a delegacia
Seu comissário foi dizendo com altivez
É da casa de cômodo da tal Inês
Revista os dois bota no xadrez
Malandro comigo não tem vez

Mas o batuque na cozinha sinhá não quer
Por causa do batuque eu queimei meu pé
Batuque na cozinha sinhá não quer
Por causa do batuque eu queimei meu pé

Mas seu comissário eu estou com a razão
Eu não moro na casa de arrumação
Eu fui apanhar meu violão
Que tava empenhado com Salomão
Eu pago a fiança com satisfação
Mas não me bota no xadrez com esse malandrão
Que faltou com respeito ao cidadão
Que é Paraíba do Norte Maranhão

Batuque na cozinha sinhá não quer
Por causa do batuque eu queimei meu pé
Batuque na cozinha sinhá não quer
Por causa do batuque eu queimei meu pé

LEONOR

Mas que toalhas lindas na sua mesa? Onde você conseguiu?

ZEFA (*satisfeita de agradar a patroa*)

Ah, é do Valevá, um menino que veio lá de não sei onde, de muito longe, e vende de casa em casa. Vem cá, Valevá.

Josef se aproxima

Dona Leonor, minha patroa, gostou das suas toalhas de mesa.

JOSEF JOVEM

Iguais só no Palácio do Catete. Produto de primeira. Digno de presidente da República.

LEONOR (*achando engraçado o jeito de ele falar*)

De onde você é, menino?

JOSEF JOVEM (*desconfiado*)

Sou daqui, madame, da Praça Onze.

LEONOR

Isso eu sei. Quero saber onde você vivia antes.

JOSEF JOVEM (*mais desconfiado ainda, meio com medo de ser denunciado*)

Na Polônia. Mas lá estava muito ruim.

LEONOR

Ah você é judeu. E sua família?

JOSEF JOVEM

Ficou lá e eu estou trabalhando para trazer todo mundo. Vendo estas toalhas e também roupa de cama, perfume, tudo de primeira.

LEONOR

Então, vai lá em casa que eu vou chamar umas amigas para comprar. Se você for esperto, vai vender tanto que sua família chega até o fim do ano.

JOSEF ADULTO

Depois disso, tudo mudou. Meu pessoal chegou mesmo no fim do ano e tudo melhorou.

Volta no tempo antigo na Praça Onze. Josef Jovem conversa com o pai (que pode ser o mesmo ator que faz o personagem adulto). Eles estão numa loja, “Valevá – Cama,

mesa e banho – Luxo de Palácio, Preço de ocasião”. É a loja que a família de Josef abriu na Praça Onze, ele e o pai não parecem mais pobres. São comerciantes e acabam de abrir a loja. Sentem-se bem sucedidos, comemoram. Os atores cantam enquanto armam o cenário da loja. Cantam uma vez em iídche e outra em português

Música

Simantov Mazeltov (folclore judaico)

Cantam TODOS OS ATORES

Siman tov umazal tov

Umazal tov vesiman tov

(x3)

Yehe lanu.

Yehe lanu, yehe lanu

Ulechol Yisrael.

(x2)

Vou fazer uma tradução desta música

<https://www.youtube.com/watch?v=jWDbMF9peS8> (cantada)

https://www.youtube.com/watch?v=G7RoM_L-YKg (instrumental)

https://www.youtube.com/watch?v=s25_kQp--e8 (outra versão cantada)

PAI DE JOSEF

Conseguimos. Isso é que é um país para se viver. Gente trabalhadora, cada um do seu jeito e ninguém quer saber da vida do outro. Com seu irmão e você, aqui na loja, os negócios vão andar. Os meninos pequenos vão para a escola brasileira. Nada de escola judaica, por enquanto. Precisam aprender a falar sem sotaque, virar brasileiros logo. Estamos bem, mas o perigo de mandarem a gente embora, com essa guerra estourando lá na Europa, ainda é grande.

JOSEF JOVEM

Tem perigo não. Logo eu caso com Deborah, a gente tem filhos e aí não mandam a gente embora porque nossos filhos serão brasileiros. *(diz com entusiasmo)*

PAI DE JOSEF

E essa história de samba que você anda metido? Não tem perigo não? A polícia não gosta da gente nem de sambista.

JOSEF JOVEM

Não é bem assim. Tem gente que não gosta, tem gente que gosta só no carnaval. E tem gente que gosta o ano inteiro. Vem cá só para ouvir música e participar dos batuques. Olha o carnaval aqui. Tem rancho, escola de samba e cada bloco melhor que o outro. E vem até turista estrangeiro para ver o nosso carnaval. Se a gente quer ser brasileiro, tem que ir no carnaval. E ajudar

Música

Praça Onze, Carioca da Gema - (Miro Silva/Silvio de Oliveira/Eduardo “Duduca” de Oliveira/Omildo Souza Bastos; 1970) (tempo 1’30”, só uma vez)

<https://www.youtube.com/watch?v=5yVNzKhdvH8>

canta TODO O ELENCO

És carioca da gema,
 Digna de um poema,
 Ó Praça Onze,
 Eterna capital
 Do nosso samba brasileiro,
 Tradição do carnaval.
 Nas madrugadas em festas,
 Boêmios esqueciam serestas
 Para compor com um grupo de batuqueiros
 Iluminados pela luz de candeeiros.
 Tia Ciata,
 Que era bamba pra valer,
 Não desprezava um pagode
 Antes do dia amanhecer.

Oi, abre a roda,meninada,
 Que o samba virou batucada.

Oi, abre a roda, meninada,
 Que o samba virou batucada.
 Pau pau-pereira
 Pau pereira ingratidão
 Todo pau o vento leva
 Só o pau-pereira não

(as pessoas passam num desfile organizado, como se fosse um rancho ou uma pequena escola de samba, com ordem e harmonia. Quando termina a música, agrupam-se como num bloco caricato, sem muita ordem, mas com muita animação. Josef Jovem dança entre eles, com uma máscara preta no rosto, como se estivesse com a cara pintada de preto. Quando acaba a música, ele volta para perto do pai, tirando a máscara)

PAI DE JOSEF

Está certo. Essa tal de escola de samba, esse tal de rancho, vá lá. Mas o bloco, aquela bagunça toda. Suas irmãs não vão, não. E você não devia ir. Ainda mais pintar a cara de preto, para parecer um deles... Afinal, agora você é um comerciante estabelecido na praça.

JOSEF JOVEM

É só uma brincadeira. E vem gente até de Botafogo para sair nos blocos porque aceitam qualquer um. Deixam de ver o carnaval das Grandes Sociedades na Avenida Central para ver preto sambando aqui. Eu também acho melhor que o de lá...

PAI DE JOSEF

Pode ser muito bom para rapaziada brasileira, filhos de bacanas. Mas você andar com esses pretos... não sei não, meu filho... tenho medo de você ser pego com eles, ir preso e te mandarem embora. E aí, como fica?

JOSEF JOVEM

Pois vem gente muito importante ver o carnaval deles. O senhor nem imagina. O tal de seu Heitor Villa-Lobos, maestro de dentro da casa do presidente Getúlio Vargas, vem sempre aqui nas rodas de choro.

E tem o Pixinguinha, que cara legal! Ele já morou até em Paris, fez sucesso lá. Mora lá num subúrbio, mas vive aqui. Vem gente até de automóvel grande, de luxo, para ouvi-lo. A festa é de preto, mas branco também vem aqui se divertir.

Música (instrumental)

Cinco companheiros – Pixinguinha (tempo 3'06", com Pixinguinha)

<https://www.youtube.com/watch?v=up7wkyX-fPs> (com Paulinho da Viola)

<https://www.youtube.com/watch?v=U6Qx7EOEs9E> (com Pixinguinha)

INSTRUMENTAL, NINGUÉM CANTA

(Forma-se uma roda de choro, toca-se um choro de Pixinguinha – sugiro Cinco Companheiros, mas pode ser outro. Pixinguinha comanda a roda. Josef aproxima-se com o pai, que se encanta com a música)

PAI DE JOSEF

Será que eles vêm atraídos pelo exotismo dessa música, ou são amigos de verdade?

JOSEF JOVEM

Olha, é gente de quem o negro pode se valer em caso de precisão. Veja o Pixinguinha. Ele é assim com os Guinle. Vive no meio deles. Vai para tudo quanto é festa de bacana. Fica lá como um deles, feito carne e unha.

PIXINGUINHA (*contesta, com muita delicadeza*)

Não é bem assim, meu jovem. O negro não é aceito com facilidade. Há muita resistência. Eu nunca fui barrado por causa da cor, porque nunca abusei. Sei onde recebem e onde não recebem pretos. Onde recebem, eu vou, onde não recebem, não vou. Nós sabemos desses locais proibidos porque um conta para o outro. O Guinle, muitas vezes, me convida para ir a um ou outro lugar. Eu sei que o convite é por delicadeza e sei que ele espera que eu não aceite. E assim, por delicadeza também, não aceito. Quanto sou convidado para tocar em tais lugares, eu toco e saio. Não abuso do convite.

PAI DE JOSEF

Viu, meu filho? As coisas parecem, mas não são. Depois, não fica bem um comerciante, estabelecido na praça, andar nessas fuzarcas. A polícia está sempre nessas bagunças. E aí como é que fica, se você for preso e mandado embora do Brasil?

JOSEF JOVEM

Meu pai, eu sonho igual ao senhor. Um dia, vai ter loja Valevá em todo o Rio de Janeiro, no Brasil inteiro. Mas, por enquanto, quem compra da gente é o povo daqui da Praça Onze, que é pobre, mas paga. E ainda agradece. Os bacanas lá de Botafogo e Tijuca, só indo na casa deles. Parece que estão fazendo favor pra gente. E eles são uns pregos, tem que implorar para receber.

PAI DE JOSEF

Mas esse povo nem sabe quem é gente é, de onde a gente veio. Outro dia me chamaram de turco. Vê se pode. Eu, turco.

JOSEF JOVEM (*rindo*)

E a gente não quer virar brasileiro, ficar misturado com eles? Aqui, ninguém liga se você é judeu, cristão, turco ou português. É tudo igual. Só me chamam de Salomão. Salomão Valevá. O senhor viu o samba que o Juvenal da dona Zefa, cantou pra mim?

(Juvenal canta)

Música -

Risoleta – Luís Barbosa (tempo 1' só a primeira vez)

<https://www.youtube.com/watch?v=69rmsqLUa-s> (com Roberto Silva)

CANTA JUVENAL

Eu vou mandar prender,
 Esta nega Risoleta,
 Que me fez uma falseta e me desacatou,
 Porque não lhe dei o meu amor.
 Isto é conversa pra doutor.
 E ela foi criada,
 Na roda da malandragem,
 E hoje vive com visage.

Sei que com esta nega,
 Não vou levar a mínima vantagem.
 E ela quebrou,
 O meu chapéu de palhinha, de abinha bem curtinha.
 E também rasgou,
 O terno melhor que eu tinha
 Quem me deu foi a Rosinha.
 E a camisa de seda,
 Que eu comprei à prestação da mão do Salomão
 a preço de ocasião
 E ainda não paguei,
 A primeira prestação.
 Meu Deus do céu, que confusão

PAI DE JOSEF

Mas isso é um desrespeito!

JOSEF NOVO

Não, é propaganda da loja. Todo mundo procura o Salomão Valevá para resolver o problema de dinheiro. Pedem emprestado e pagam. Compram a prestação e pagam. Por isso, no carnaval, a gente tem que ajudar. E todo mundo sabe que somos nós, os “turcos” da Praça Onze que pagamos as escolas de samba. Um dia, a gente sai daqui e vai morar lá com os bacanas. Mas, por enquanto, somos da Praça Onze. Nossa história é aqui.

JUVENAL (*chegando ressabiado, ouvindo o fim da conversa*)

Pois é, seu Valeva, essa história vai acabar. Boa tarde, seu Valevá Pai. Estão dizendo que não vai ter mais carnaval porque o prefeito resolveu acabar com a Praça Onze. Vão abrir uma rua aqui, rua não, avenida, maior e mais larga que a Avenida Central e todo mundo vai ter que sair. Que tristeza, o que vai ser da gente?

Música

Praça Onze (tempo: 1’sem introdução e só uma vez)

(Herivelto Martins/Grande Otelo)

<https://www.youtube.com/watch?v=IwhhXeGzNec>

JUVENAL COMEÇA E TODO O ELENCO CANTA

Vão acabar com a Praça Onze

Não vai haver mais Escola de Samba,

Não vai

Chora o tamborim

Chora o morro inteiro

Favela, Salgueiro,

Mangueira, Estação Primeira

Guardai os vossos pandeiros, guardai

Porque a escola de samba não sai.

Adeus minha Praça Onze, adeus

Já sabemos que vais desaparecer

Leva contigo a nossa recordação

Mas ficarás eternamente em nosso coração

E algum dia nova Praça nós teremos

E o teu passado cantaremos.

(Juvenal começa a cantar, pessoas vão chegando, como quem quer saber da novidade, começam a cantar junto. Zefa, Maria do Socorro Jovem, Zefa, Pina, Zina e o Negro que fala iidche se aproximam)

ZEFA

E a gente, pra onde vai? Os ranchos, os blocos? Nosso terreiro?

MARIA DO SOCORRO

Logo agora que me deixaram virar pastora da escola, e o desfile está cada vez melhor.

Lembra no primeiro que teve para escolher a campeã?

PINA

Claro! Veio gente de importante, jornalista, escritor, todo mundo para julgar quem desfilava melhor. Foi em 1932? Era meio simplesinho, mas ficou mais bonito a cada ano. E agora acabam com isso.

NEGRO QUE FALA IIDCHE

Pra mim não vai fazer muita diferença, não. Os “turcos” que me pediam para falar com o povo ficaram ricos e se mudaram. Os novos falam português. Qualquer dia vocês também vão embora, né seu Valevá?

PAI DE JOSEF

Ah, meu filho, é o natural da vida. Aqui tem gente boa como você, como dona Zefa e seu Juvenal, dona Pina e muito mais. Mas a família cresce, o Josef vai casar, ter filhos e a casa aqui vai ficar pequena. É natural da vida, a gente sair daqui.

PINA (*conformada*)

Quem é rico vai para um lugar melhor, né?. O resto, se arruma por aí. Aperta daqui e dali e dá um jeito. Agora, ouvi dizer que as escolas de samba vão sair na Avenida Central, feito os corsos e os ranchos. Será que vai dar certo?

Música

Bom dia, Avenida

Herivelto Martins/Grande Otelo; 1943 (tempo 2' só uma vez, com primeira parte repetida)

<https://www.youtube.com/watch?v=xZkzpay1rjo>

MARIA DO SOCORRO COMEÇA E TODOS CANTAM JUNTOS

Lá vem a nova avenida

Remodelando a cidade

Rompendo prédios e ruas

Os nossos patrimônios da saudade

É o progresso!

E o progresso é natural

Lá vem a nova avenida

Dizer à sua rival:

Bom dia Avenida Central!

Bom dia Avenida Central!

A União das Escolas de Samba

Respeitosamente faz o seu apelo

Três e duzentos de selo
 Requereu e quer saber
 Se quem viu a Praça Onze acabar
 Tem direito à Avenida
 Em primeiro lugar
 Nem que seja depois de inaugurar
 Nem que seja depois de inaugurar!

MARIA DO SOCORRO (*na mesma posição onde começara a conversa com Josef Adulto*)

E o senhor foi embora da Praça Onze logo depois. Nem esperou acabar. Depois, só voltou no carnaval. Vinha ver o desfile, mas de arquibancada. Não sentiu saudade da gente?

JOSEF

E como!!! Muita saudade. Mas não se pode ter tudo na vida. É preciso escolher e seguir em frente, esquecendo o que deixou de lado. A Praça Onze ia se acabar, a gente tinha que sair. Mas sabe que nunca mais fomos tão unidos. Naquela época, a gente tinha a impressão de que o futuro do judaísmo e a sobrevivência do povo judeu dependiam das nossas lutas na Praça Onze. A praça não existe mais, mas os judeus de hoje voltaram para lá. Fizeram até um bloco de carnaval.

Música,

Simantov Mazeltov (*agora com percussão e em ritmo de samba ou marcinha de carnaval*)

MARIA DO SOCORRO

A gente resistiu como pôde, mas teve que sair. O carnaval foi para a Avenida Central, para a nova avenida, a tal da Presidente Vargas, mas o negro nunca esqueceu da Praça Onze. É lá que está a nossa história.

Música

Bum-Bum Paticumbum Prugurundum (tempo 3'05")

(Beto sem Braço/Aluísio Machado; 1982)

<https://www.youtube.com/watch?v=6hO33pWKwV0>

UM ATOR FAZ O PUXADOR DO SAMBA ENREDO

(aqui, vamos começar cantando lentamente, os versos que falam da Praça Onze e depois entrar no samba, no ritmo normal. Os atores simulam o desfile no sambódromo, com alegorias grandes, fantasias enormes etc)

Oh, Praça Onze, tu és imortal
Teus braços embalaram o samba
A tua Apoteose é triunfal

Bum-Bum Paticumbum Prugurundum
O nosso samba, minha gente é isso aí
Contagiando a Marques de Sapucaí
Enfeitei meu coração
De confete e serpentina
Minha gente se fez menina
Num mundo de recordação
Abraçei a coroa Imperial
Fiz meu carnaval
Extravasando toda minha emoção
Oh, Praça Onze, tu és imortal
Teus braços embalaram o samba
A tua Apoteose é triunfal

De uma barrica se fez uma cuíca
De outra barrica um surdo de marcação
Com reco-reco, pandeiro e tamborim
E lindas baianas
O samba ficou assim
Com reco-reco, pandeiro e tamborim
E lindas baianas
O samba ficou assim

E passo a passo no compasso

O samba cresceu
 Na Candelária construiu seu apogeu
 As burrinhas que imagem para os olhos um prazer
 Pedem passagem p'ros moleques de Debret
 As Africanas, que quadro original
 Iemanjá, Iemanjá enriquecendo o visual
 Vem meu amor...
 Vem meu amor manda a tristeza embora
 É carnaval, é folia neste dia ninguém chora
 Vem meu amor manda a tristeza embora
 É carnaval, é folia neste dia ninguém chora

Super Escolas de Samba S/A super alegorias
 Escondendo gente bamba, que covardia

Bum, Bum Paticumbum Prugurundum
 O nosso Samba minha gente é isso aí, bum, bum
 Bum, Bum Paticumbum Prugurundum
 Contagiando a Marquês de Sapucaí

MARIA DO SOCORRO

E o carnaval cresceu, virou o maior show da terra, mas nunca foi tão bonito e grandioso como na Praça Onze. Ou será que achei tudo grande porque era pequena quando cheguei aqui?

JOSEF

Sei não. Só sei que todo o Rio de Janeiro e o Brasil inteiro ainda são apaixonados pela Praça Onze. Todo mundo queria ter uma história lá. Nós temos sorte, vivemos a Praça Onze.

Música

Rancho da Praça Onze (tempo 2'10")

(João Roberto Kelly/Francisco "Chico" Anísio; 1960/64)

<https://www.youtube.com/watch?v=tFNDqYTxeYc>

MARIA DO SOCORRO CANTA E TODOS ENTRAM

Esta Praça Onze tão querida
Do carnaval a própria vida
Tudo é sempre carnaval
Vamos ver desta praça a poesia,
E sempre em tom de alegria
Fazê-la internacional.
A praça existe
Alegre ou triste
Em nossa imaginação
A praça é nossa
E como é nossa
No Rio quatrocentão.
Este é o meu Rio boa praça
Tantas praças que êle tem
Vamos da Zona Norte à Zona Sul
Deixar a vida tôda azul
Mostrar na vida o que faz bem
Praça Onze, Praça Onze.

(Os atores todos dançam a música, como num baile de carnaval de salão. E, como num baile de carnaval, convidam o público a dançar juntos, podem descer do palco e chamar as pessoas para subir lá e dançar junto).

FIM